GÉNERO E HISTORIA

Joan Wallach Scott

JOAN WALLACH SCOTT

- Historiadora nascida em 1941 no Brooklyn (EUA).
- Seu trabalho desafiou os fundamentos da prática histórica convencional, questionando a natureza da evidência e da experiência histórica e o papel da narrativa na escrita da história.
- A maior parte do seu trabalho diz respeito à história francesa e à história do gênero.
- O seu artigo "Gender: a useful category of historical analysis" (1986) foi essencial na formação de um campo de estudos de história de gênero dentro dos estudos históricos anglo-americanos.
- Atualmente é professora emérita na Escola de Ciências Sociais do Instituto de Estudos Avançados de Princeton.

Joan Wallach Scott em 2016.

GÊNERO E HISTÓRIA

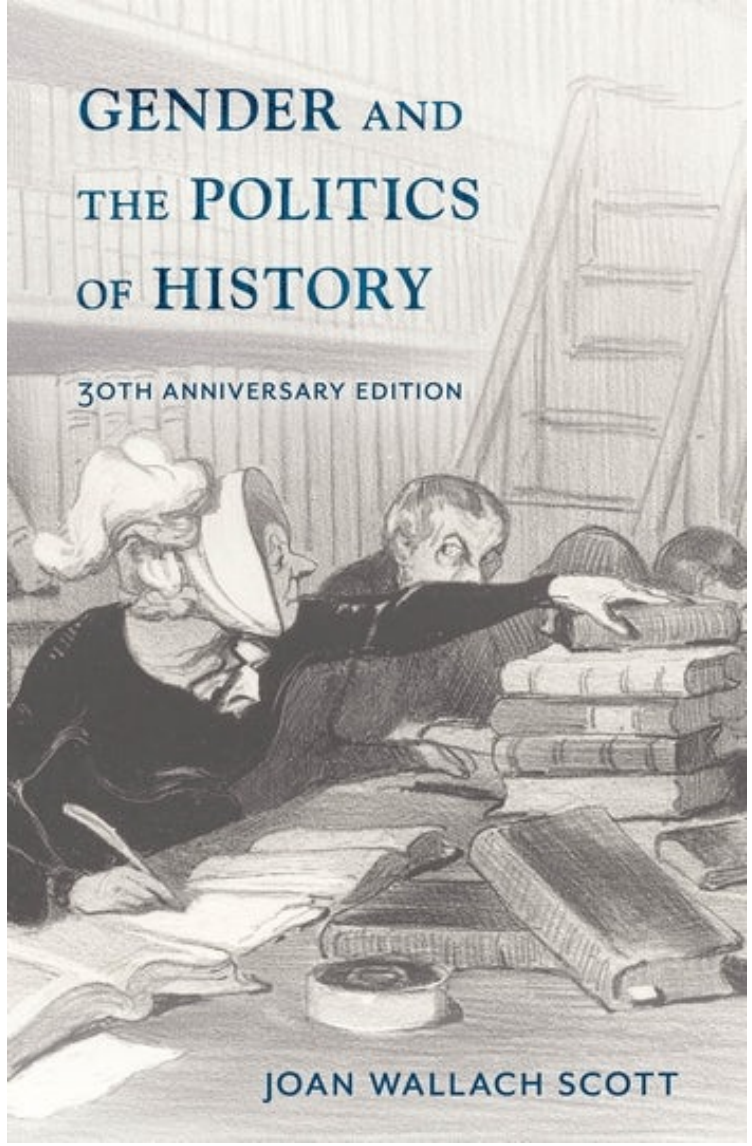
- Título original: *Gender and the politics of History* (1989).
- Considerado obra fundante dos estudos de gênero, é contribuição vital para a história feminista e a metodologia histórica.
- Também se refere, mais amplamente, à definição de *gênero* em nossos vocabulários políticos e culturais.
- O livro se divide em quatro partes:

1. Para uma história feminista (Capítulos I e II)

2. Gênero e classe (Capítulos III e IV)

3. O gênero na história (Capítulos V, VI e VII)

4. Igualdade e diferença (Capítulos VIII, IX e X)



Edição de janeiro de 2018.

II. GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA A ANÁLISE HISTÓRICA

- Ensaio redigido originalmente em dezembro de 1985 como uma apresentação para a American Historical Association.
- Posteriormente publicado em dezembro de 1986, com seu formato atual, na *American Historical Review*, 91(5). Trata-se de um dos artigos mais citados da história da *AHR*.
- O artigo, quando publicado, foi recebido negativamente.
- No entanto, hoje é conhecido como um dos artigos da *AHR* que teve maior impacto a longo prazo.

(P. 48-49)

GÊNERO HUMANO & GÊNERO GRAMATICAL

Epígrafe: definição de *gênero gramatical* segundo o *Dictionary of Modern English Usage*

"as palavras, assim como as ideias e as coisas que significam, têm uma história" (p. 48)

- Mais recentemente, as feministas começaram a empregar o termo *gênero* em **sentido mais literal e sério**, como forma de se referir à **organização social das relações entre os sexos**. (p. 49)
- Conexão com a gramática: "explícita" e "cheia de possibilidades inexploradas".
- No campo gramatical: sistema convencional de distinções, mais do que uma descrição objetiva dos traços inerentes de um ser.

(P. 50)

GÊNERO NO SEU EMPREGO MAIS RECENTE

- Aparece entre as primeiras feministas estadunidenses que queriam insistir na qualidade fundamentalmente **social** das **distinções baseadas em sexo**. Representa:
  - Rejeição ao determinismo biológico;
  - Introdução de ideia relacional ao vocabulário analítico;
  - Transformação no paradigma disciplinar.
  - Explícitas analogias de *classe* e *raça*. ~> Compreensão acadêmica de que as desigualdades do poder se organizavam em ao menos três eixos.
- O interesse que os universitários demonstravam por *classe*, *raça* e *gênero* apontava para o compromisso com uma história que incluísse as circunstâncias dos oprimidos e uma análise da **natureza da opressão**.

(P. 50-51)

GÊNERO NO SEU EMPREGO MAIS RECENTE: PROBLEMAS

- O discurso de classe, raça e gênero sugere paridade entre esses termos mas, de fato, esse não é o caso, pois:
  - *Classe* se baseia na maioria das vezes em ideias marxistas;
  - Não existe unanimidade entre quem emprega os conceitos de *classe* (alguns acadêmicos utilizam os conceitos weberianos; outros utilizam-no como dispositivo heurístico);
  - Quando invocamos *classe*, estamos trabalhando a favor ou contra as ideias marxistas; não existe tal claridade ou coerência a respeito de *raça* e *gênero*.

- Com isso, o emprego do termo *gênero* acarretou em **toda uma gama** de posições teóricas e de simples referências descritivas das relações entre os sexos.

(P. 51)

GÊNERO E A PRÁTICA DA HISTÓRIA

- A ampla gama de posições teóricas a respeito do tema *gênero* não impediu que a maioria das historiadoras seguisse buscando **outras formulações teóricas mais adequadas** – mesmo que isso tenha gerado pouco interesse por parte de muitos historiadores.
- Precisamos não apenas analisar aa relação entre a experiência do homem e da mulher no passado, como também **a conexão entre a história do passado e a prática histórica comum.**

Como o gênero funciona nas relações humanas?

Como o gênero fornece um significado à organização e à percepção do conhecimento histórico?

As respostas residem na concepção de **gênero como uma categoria analítica.**

(P. 52)

- "Em sua maioria, quando os historiadores tentam teorizar sobre gênero, eles se mantêm **dentro das categorias científico-sociais tradicionais** e empregam fórmulas que apenas proporcionam explicações causais de caráter universal", muitas vezes apresentando **generalizações reducionistas**.
- O exame dessas teorias permite vislumbrar suas limitações e propor um enfoque alternativo. Para isso, a autora agrupa os enfoques empregados pela maioria dos historiadores em duas categorias distintas:

1. **Essencialmente descritiva**: se refere à existência de fenômenos ou realidades sem lhes atribuir nenhum tipo de interpretação, explicação ou causalidade.

2. **De caráter causal**: teoriza sobre a natureza dos fenômenos ou realidades e busca compreender *como* e *por que* eles se manifestam assim.

(P. 52-53)

"GÊNERO" = "MULHERES"?

"Mulheres"
Termo que proclama sua política ao declarar que as mulheres são *sujeitos históricos válidos*.

≠

"Gênero"
Termo que inclui as mulheres *sem nomeá-las*, dando a impressão de que não toca num ponto crítico

Busca da erudição feminista por **legitimidade acadêmica** nos anos 80

- "Gênero", como substituto para "mulheres", também pode:
  - Sugerir que o estudo das mulheres implica no estudo dos homens;
  - Designar as relações sociais entre os sexos, implicando na recusa às explicações biológicas;
  - Se referir às origens sociais das identidades subjetivas dos homens e mulheres.

(P. 53-54)

GÊNERO

Categoria social imposta a um corpo sexuado.

Palavra particularmente útil.

Termo que permite diferenciar a prática sexual dos papeis sociais designados a homens e mulheres.

ênfase em todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é determinado diretamente pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade

Muitas vezes, os historiadores utilizaram a palavra *gênero* em seu emprego descritivo para **mapear um novo terreno.**

crianças

família

Todavia, esse uso de *gênero* só se refere aos **domínios** – tanto estruturais quanto ideológicos – que implicam em relações entre os sexos.

O gênero continua irrelevante para os historiadores que trabalham nas esferas de **política** e **poder.**

Assim o *gênero*, no uso descritivo, continua sendo um conceito associado ao estudo das coisas relacionadas às mulheres.

(P. 54)

- O *gênero*, portanto, é um tema novo, mas **sem o poder analítico para mudar os paradigmas históricos existentes.**
- Por essa razão, algumas historiadoras se esforçaram para utilizar teorias que pudessem explicar o conceito de gênero e prestar conta de uma troca histórica; a ideia aqui é de **reconciliar a teoria com a história.**
- As historiadoras do feminismo utilizam uma grande variedade de enfoques para a análise de gênero, mas se reúnem em **três principais posições teóricas:**

1. Um esforço inteiramente feminista para explicar **as origens do patriarcado.**

2. Busca de consenso entre a **tradição marxista** e as críticas feministas.

3. Inspiração nas distintas escolas da **psicanálise** para explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito. Para isso, divide-se essencialmente entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relações de objeto.

(P. 54-56)

AS TEORIAS DO PATRIARCADO

- Atenção dirigida à **subordinação feminina**.
- Explicação reside na "necessidade" masculina de dominar a mulher.
- Os teóricos do patriarcado tratavam da desigualdade entre os sexos de diferentes maneiras mas, para os historiadores, suas teorias apresentam alguns problemas:
  - Não explicam como o sistema de relações de gênero funciona e assim não mostram que a desigualdade de gênero está ligada a outras desigualdades.
  - Se a dominação se manifesta mediante a apropriação masculina do trabalho reprodutivo feminino ou através das objetificação sexual das mulheres, a análise está baseada em diferença física, que é um aspecto universal e imutável. Assim, pressupõe um significado inerente para o corpo humano – fora de toda construção social ou cultural – e o caráter não historico do gênero.

Mary O'Brien:
A dominação masculina se define como efeito do desejo dos homens de transcender sua alienação em relação às mulheres.

Catherine Mackinnon:
"A sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado [...] A reificação sexual é o processo primário da sujeição das mulheres."

(P. 56-58)

FEMINISTAS MARXISTAS

- Têm um enfoque mais histórico, uma vez que se guiam por **teoria histórica**.
- Quaisquer que sejam as variações e adaptações da teoria, a exigência auto imposta de encontrar uma explicação "material" para o gênero limitou ou pelo menos atrasou o desenvolvimento de novas direções de análise.
- O problema enfrentado na teoria marxista é o oposto daquele enfrentado na teoria patriarcal: no marxismo, o conceito de gênero vem sendo tratado como um **produto acessório** na troca das estruturas econômicas; não goza de um estado independente ou próprio.

Heidi Hartman:
Considera o patriarcado e o capitalismo dois sistemas separados em interação. Todavia, diz que o patriarcado muda em função das relações de produção.

Joan Kelly:
Ideia de que os sistemas econômico e de gênero teriam existência independente se constitui numa abertura conceitual decisiva; mas dá ênfase na causalidade econômica

Powers of Desire
Influência de Foucault: autoras fizeram da "política sexual" o foco da sua investigação.

(P. 58-60)

TEORIA PSICANALÍTICA: ESCOLA ANGLO-AMERICANA

As duas escolas psicanalíticas se interessam pelos processos através dos quais foi criada a **identidade** do sujeito; ambas centram o seu interesse nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança, com o objetivo de encontrar indicações sobre a formação da identidade de gênero.

Teóricas das relações objetais

Enfatizam a influência da experiência propriamente dita. Dois grandes nomes são Nancy Chodow e Carol Gilligan.

ideia não histórica, essencialista de mulher, baseada em oposição binária universal, "tediosa e monótona" (p. 62)

CRÍTICAS:

- Têm caráter literal, apresentando dependência em relação a estruturas de interação relativamente pequenas para produzir identidade de gênero e gerar uma troca.
- Limitam o conceito de gênero ao ambiente doméstico e familiar, não deixando ao historiador (e nem ao indivíduo) a possibilidade de conectar tal conceito a outros sistemas sociais de economia, política ou poder.

(P. 59-62)

TEORIA PSICANALÍTICA: ESCOLA FRANCESA

Pós-estruturalistas

- Ênfase do papel central da **linguagem** na comunicação, interpretação e representação de gênero. Aqui, o inconsciente é um fator decisivo na construção do sujeito, pois é um espaço para a divisão sexual (vista como instável e contínua). A figura chave para essa teoria é Lacan.
- Segundo Lacan, o falo é o principal símbolo da diferença sexual. Mas o significado do falo deve ser lido metaforicamente.
- A imposição dos papeis de interação social é uma questão inerente ao gênero e específica dele, porque a mulher tem necessariamente uma relação distinta com o falo do que o homem tem.
- Como ocorre com os sistemas de significado, as identidades subjetivas são processos de diferenciação e distinção que requerem a supressão de ambiguidades e dos elementos opostos, para assegurar uma coerência ou compreensão comum (ou criar essa ilusão).
- O masculino e o feminino não são categorias inerentes ao gênero mas estruturas subjetivas (ou fictícias).

sistemas simbólicos de significação

CRÍTICAS

- Fixação exclusiva em perguntas acerca do sujeito individual.
- Tendência a reificar subjetivamente o antagonismo entre homens e mulheres como a questão central do gênero.
- A teoria tende a universalizar as categorias e relações do masculino e feminino, trazendo leitura reducionista do passado. Ademais, as categorias históricas parecem estar fora do sujeito: falta uma forma de conceber a realidade social em termos de gênero.
- Concebe a oposição binária entre homem e mulher como a única possível e como aspecto permanente da relação humana.

(P. 63-64)

PROPOSIÇÃO FINAL DA PARTE I

- "Precisamos **rejeitar o caráter fixo permanente da oposição binária**, precisamos de uma historicização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual. Temos que encontrar meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à critica, e nossas análises à autocrítica."

- "A história do pensamento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino; nos seus contextos específicos é uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos. As historiadoras feministas estão atualmente em condições de teorizar as suas práticas e de desenvolver o gênero como uma **categoria de análise**."

(P. 64-65)

- As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX.

- O termo *gênero* faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para **reivindicar certo campo de definição**, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens.

- "Eu não acho que tenhamos que deixar os arquivos ou abandonar o estudo do passado, mas eu acho, em contrapartida, que **temos que mudar alguns dos nossos hábitos de trabalho e algumas das questões que colocamos**. Temos que examinar atentamente os nossos métodos de análise, clarificar as nossas hipóteses operativas e explicar como pensamos que a mudança se dá."

- "Enfim, precisamos substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por alguma coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como **constelações dispersas de relações desiguais** constituídas pelo discurso nos 'campos de forças'."

(P. 65-68)

"MINHA DEFINIÇÃO DE GÊNERO..."

O gênero é uma forma primária de significar as relações de poder.

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, as quais se baseiam em diferenças percebidas entre os sexos.

A partir da conexão integral entre essas duas proposições forma-se o núcleo da definição.

Implica em quatro elementos inter-relacionados:

1. Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas e frequentemente contraditórias. (Ex: Eva e Maria)

2. Conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos e tentam limitar e conter as possibilidades metafóricas. (Ex: grupos religiosos fundamentalistas e o papel "tradicional" da mulher)

3. A política, as instituições e organizações sociais (permitindo uma análise que vai além do sistema de parentesco).

4. A identidade subjetiva: embora a teoria lacaniana seja útil para a construção de identidade de gênero, os historiadores precisam trabalhá-la de forma mais histórica.

Nenhum elemento opera sem os demais.

Mesmo assim não operam ao mesmo tempo, simplesmente refletindo-se um sobre o outro.

(P. 68-69)

RELAÇÕES DE PODER E RELAÇÕES SIMBÓLICAS

- O gênero parece ser uma **forma de articulação do poder** persistente e recorrente, que vem tornando possível a significação do poder no Ocidente, na tradição judaico-cristã e na islâmica.
- Bordieu: os conceitos sobre o gênero, estabelecidos como objetivos ou um conjunto de referências, estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica do conjunto da vida social.
- A **função legitimadora** do gênero opera em muitos sentidos (Ex: Bordieu – em certas culturas, a exploração agrícola era organizada segundo conceitos de tempo e de estação que eram baseados em definições específicas da oposição masculino/feminino).
- Diversos exemplos mostram que a linguagem conceitual utiliza a diferenciação de gênero para estabelecer sentidos, mostrando que a diferenciação sexual é também **uma via primária de diferenciação simbólica**.

(P. 69-70)

GÊNERO E POLÍTICA

- "A política é **apenas um dos campos** em que o gênero pode ser utilizado para a análise histórica. Escolhi exemplos referentes a política e ao poder no seu sentido mais tradicional, ou seja, em seu sentido de pertencimento ao governo e à nação-estado, por duas razões:"
  - Esse território está **virtualmente inexplorado**, já que o gênero tem sido considerado a antítese dos assuntos reais no campo da política.
  - A história política – e ainda um modo dominante de investigação histórica – têm sido um **reduto de resistência** frente à inclusão de materiais ou de questões sobre as mulheres e o gênero.
- O gênero tem sido literal ou analogicamente utilizado na teoria política para justificar ou criticar o reinado dos monarcas, e para expressar a reação entre o governante e os governados.
  - Ataque de Edmund Burke à Revolução Francesa: construído em torno do contraste entre os sinistros e homicidas *sans culote* ("as fúrias do inferno sob a forma desnaturada da mais vil das mulheres") e a "feminilidade doce" de Maria Antonieta, que escapa da multidão para "procurar refúgio aos pés de um rei e de um marido" e cuja beleza tinha antigamente inspirado orgulho nacional

(P. 70-72)

- Numerosos argumentos estabelecem a **família bem ordenada** como fundamento do **Estado bem ordenado.**
  - Louis de Bonald, 1816: sobre as razões pelas quais a legislação da Revolução Francesa sobre o divórcio devia ser revogada:

> "Da mesma forma que a democracia política permite ao povo, parte fraca da sociedade política, se rebelar contra o poder estabelecido, da mesma forma o divórcio verdadeira democracia doméstica, permite à esposa, "parte mais fraca, se rebelar contra a autoridade do marido... a fim de manter o Estado fora do alcance do povo, é necessário manter a família fora do alcance das esposas e das crianças."

- Conexão (ainda não estudada a fundo) entre os regimes autoritários e o controle sobre as mulheres.

- Exemplos assim mostram as conexões explícitas entre gênero e poder, mas são apenas uma parte da minha definição de gênero como um passo prévio às relações simbólicas de poder.

- Muitas vezes a atenção que se presta ao gênero **não é explícita**, mas não deixa de ser um componente crucial da organização da igualdade ou da desigualdade.

(P. 72-73)

- O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido.

- Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da **ordem natural ou divina**. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro.

- Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, **como é que as coisas mudam?** De um pondo de vista geral responde-se que a mudança pode ter várias origens. Mesmo assim, até hoje ela não ocorreu.

- São os **processos políticos** que vão determinar o resultado de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se **situada no espaço e no tempo**.

- Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem" e "mulher" são ao mesmo tempo categorias **vazias e transbordantes:**
  - vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendente;
  - transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.

(P. 74)

- Em certo sentido, a história política foi encenada no terreno do gênero.
- É um terreno que parece fixado, mas cujo **sentido é contestado e flutuante**.
- Se tratamos da oposição entre masculino e feminino como sendo mais problemática do que conhecida, como alguma coisa que é definida e constantemente construída num contexto concreto, temos então que perguntar não só o que é que está em jogo nas proclamações ou nos debates que invocam o gênero para justificar ou explicar suas posições, mas também como percepções implícitas de gênero são invocadas ou reativadas.

Qual é a relação entre as leis sobre as mulheres e o poder do Estado?

Por que (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, quando sabemos que elas participaram dos grandes e pequenos eventos da história humana?

Já houve conceitos de gênero realmente igualitários sobre os quais foram projetados ou mesmo baseados sistemas políticos?

O gênero legitimou a emergência de carreiras profissionais?

A exploração dessas e outras perguntas fará emergir uma história que oferecerá **novas perspectivas** a velhas questões, **redefinirá as antigas questões** em termos novos, **tornará as mulheres visíveis** como participantes ativas e estabelecerá uma **distância analítica** entre a linguagem aparentemente fixada do passado e nossa própria terminologia.